

## O Cimi, através da Semana dos Povos Indígenas de 2011, propõe uma reflexão sobre os sistemas de vida experienciados, ao longo dos séculos, por centenas de povos e culturas da América Latina que têm como fundamento o Bem Viver.

O ponto de partida para a reflexão proposta neste ano são os ensinamentos do “bem viver” cultivados pela maioria dos povos indígenas, e, se aprendermos com eles, quem sabe possamos assegurar vida para todos e para sempre. O “bem viver” é uma forma diferente de organização social, política, econômica, e tem como princípios essenciais as relações de reciprocidade entre as pessoas, a amizade fraterna, a convivência com outros seres da natureza e o profundo respeito pela terra. Os povos indígenas nos têm ensinado que, para se construir o bem viver as pessoas devem pensá-lo para todos, e isso significa dizer que é preciso combater as injustiças, os privilégios e todos os mecanismos que geram a desigualdade. Mundos muito diferentes configuram a realidade indígena. No Brasil existem mais de 240 povos indígenas, com uma população estimada em um milhão de pessoas que vivem realidades sociais, étnicas e culturais distintas, desde povos em situação de isolamento até aqueles que habitam periferias de grandes cidades. As formas distintas de pensar e de viver destes povos nos fazem acreditar que outro mundo é possível, um mundo “que seja dirigido para a satisfação das necessidades humanas e para a construção do Bem Comum” (CF 2010, p. 11). A “causa” indígena se vincula com a “causa” dos pobres e marginalizados e, deste modo, não deve ser pensada como uma causa à parte, desvinculada das grandes questões que desafiam o mundo de hoje.

E um dos grandes ensinamentos que os Povos Indígenas nos têm transmitido, desde tempos imemoriais, é o de saber conviver com a mãe terra, dedicando-lhe respeito, amor e profundo zelo. Na visão destes povos, a terra é mais do que simplesmente o lugar onde se vive, ela é sagrada, é capaz de fazer germinar e de acolher plantas, animais, seres, compondo assim ambientes onde a vida frutifica em todo o seu esplendor.

O que se propõe, na Semana dos Povos Indígenas, é pensar no “bem viver” como um sistema de vida viável, considerando-se a dimensão histórica e as possibilidades que oferece para o futuro. Para isso, é necessário considerar o “bem viver” como alternativa ao modelo capitalista, fazendo a memória histórica, levando em conta a vida e os anseios não apenas dos vencedores, mas de todos. Para praticarmos o “bem viver” é necessário dar ouvido ao que dizem aqueles que lutam a cada dia por um mundo mais fraterno e justo.

O conceito do “bem viver” está na contramão de um modelo de desenvolvimento que considera a terra e a natureza como produtos de consumo. É para sustentar o modelo capitalista que os governos priorizam os megainvestimentos, as grandes barragens, a exploração mineral e as monoculturas que degradam o ambiente, envenenam a terra, as águas e todos os seres vivos.

O modelo capitalista promove a concentração de bens e riquezas nas mãos de poucos e que são aqueles que aderem às regras da competitividade, da lucratividade, do egoísmo, da ganância para “viver melhor”. A partir destas regras gera-se a intolerância com o diferente e com todos aqueles que possuem maneiras distintas de viver e pensar.

E, diante deste sistema que gera as injustiças e as desigualdades, o que significa o “bem viver”? O que significa buscar o bem viver, em um mundo marcado por disputas econômicas, pela competitividade, em que tudo se converte em mercadoria, em vitória ou derrota? Como é possível cultivar relações de reciprocidade em uma sociedade cada vez mais violenta, excludente e desigual?

Encontrar alternativas é o desafio colocado para todos nós que acreditamos num mundo diferente, e que seguimos lutando para construir relações solidárias. No Brasil temos o privilégio de conviver com uma imensa pluralidade cultural e ela nos possibilita também aprender cotidianamente que a beleza da vida está na diferença, na variedade, na possibilidade do novo, e não na repetição de modelos e padrões de humanidade capitalista que apregoam que o melhor é “se dar bem na vida” e que, individualmente, nas relações de competitividade, cada um conseguirá o que almeja através de seu próprio esforço e mérito. A Semana dos Povos Indígenas de 2011 pretende estimular o debate e a reflexão sobre as formas alternativas de se pensar o mundo contrapondo-se à hegemonia de um pensamento único.



Foto: Sérgio Guimarães/Arquivo Cimi

## O outro mundo já existe

O “bem viver” é partilha e destino dos bens da terra para todos. As sociedades indígenas vivem no dia a dia experiências de amor à vida, de igualdade, de liberdade, de felicidade com justiça, de festividade no trabalho.

O “bem viver” é uma forma de pensar a economia como partilha e de consolidar as relações entre as pessoas e com a natureza de forma harmônica. As culturas indígenas são fundamentadas no “bem viver” e, em função disso, elas são portadoras de ensinamentos que podem servir de alternativa ao chamado desenvolvimento. Elas propõem outras maneiras de ver e de organizar a sociedade, colocando o ser humano como parte da própria natureza – como um dos fios do tecido da vida, e não como os senhores absolutos da natureza.

E, no centro da vida dos povos indígenas, está sua espiritualidade e um sentido festivo para o viver. Por exemplo, quando os missionários do século 16 proibiram os Guarani de fazer algumas de suas festas, eles deixaram de plantar suas roças. E este é um povo que não vive para produzir, mas produz e trabalha para viver. A espiritualidade é uma das coisas centrais na sua cultura, e ela se manifesta especialmente através de cantos, de rituais festivos, de rezas.

O mundo dos povos indígenas é festivo, centrado na pessoa e na comunidade, na partilha, na abertura para os outros. Na festa se restabelece o equilíbrio, a alegria e se partilha o espaço e o tempo. Numa festa todos participam e se ajudam, e o trabalho em conjunto gera abundância. Por isso, quando pensamos num outro mundo possível, imaginamos um espaço festivo, no qual se pode sentir e partilhar a alegria e a dádiva que é viver.

## Nosso apoio e solidariedade aos Povos Indígenas!

Para se alcançar o “bem viver” é necessário a consolidação de novas formas de relacionamento entre as pessoas, entre povos e culturas, e com a natureza, é necessário repensar os valores, os conceitos, os preconceitos e as concepções que nos servem de referência na atualidade. Precisamos todos abrir os olhos e corações e perceber que as diferenças não são ameaçadoras, ao contrário, são uma grande riqueza em termos de possibilidades de existência humana.

“Vida para todos e para sempre” é o tema da Semana dos Povos Indígenas e nos convida a compreender e a contribuir com as lutas dos Povos Indígenas, de maneira concreta, pela garantia e proteção de suas terras e pela estruturação de uma política indigenista voltada aos direitos, anseios, necessida-

des das comunidades indígenas. Nosso apoio será essencial quando forem iniciadas as discussões no Congresso Nacional em torno do projeto de lei do Estatuto dos Povos Indígenas.

As lutas dos povos indígenas também nos convocam a assumir a defesa do meio ambiente, resistindo e reagindo contra os projetos que causam destruição e morte, como são os casos das grandes hidrelétricas do rio Madeira, de Belo Monte no rio Xingu, e a transposição das águas do rio São Francisco, que beneficiarão especialmente os grandes produtores de energia e do agronegócio.

O que se propõe, enfim, é que juntemos nossas forças, nossos anseios, nossas esperanças, nossas capacidades e talentos para pensarmos num outro modelo de sociedade, este calcado na perspectiva da consolidação do “bem viver”.

Semana  
dos Povos  
Indígenas  
2011



**VIDA  
PARA TODOS  
E PARA SEMPRE**

A Mãe Terra clama  
pelo Bem Viver



**VIDA  
PARA TODOS  
E PARA SEMPRE**  
A Mãe Terra clama  
pelo Bem Viver

PUBLICAÇÃO DO



CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO  
(Organismo vinculado à CNBB)

SDS - Edifício Venâncio III, salas 309 a 314 • CEP: 70.393-902 • Brasília-DF • Brasil

Tel: (61) 2106-1650 • Fax: (61) 2106-1651 • E-mail: [nacional@cimi.org.br](mailto:nacional@cimi.org.br)

[www.cimi.org.br](http://www.cimi.org.br) Twitter: [www.twitter.com/CimiNacional](https://www.twitter.com/CimiNacional)

Capa: Montagem sobre grafismo indígena  
Crianças Awá-Guajá (MA) - Foto: Diego Jenett/Arquivo Cimi  
Dona Ercina - matriarca do povo Xakriabá (MG) - Foto: Equipe Xakriabá/Cimi Regional Leste  
Povo Yanomami (RR) - Foto: Eden Megalhães  
Mamainde e Negarote - Subgrupos Nambikwara (MT) - Foto: Gil de Catheui

Texto: Paulo Suess, Roberto Liebgott, Lara Bonin – Edição: Cleyenne Cerqueira – Projeto gráfico e editoração: Licurgo S. Botelho

APOIO



ADVENIAT  
Für die Menschen  
in Lateinamerika



Conselho Indigenista Missionário



## Desafios ao “bem viver” hoje

O sistema capitalista é incapaz de produzir o bem viver de todos os cidadãos. Consumismo e fome são expressões desse desequilíbrio na distribuição dos bens da terra. Crescimento, expansão e aceleração se tornaram palavras mágicas, apoiadas por tecnologias cada vez mais sofisticadas, a serviço da substituição de trabalhadores. No atual projeto, na aceleração da produção e na acumulação do capital, não se trata apenas de uma manipulação de objetos mortos, uma vez que tudo se converte em recurso e em mercadoria. Capital e produção representam relações sociais mediadas pela exploração e pela alienação, nas quais se estabelece uma lógica utilitarista - tudo é avaliado por seu custo e benefício.

O trabalhador que custa menos para o sistema é aquele que se submete a condições de um trabalho penoso, sem garantias de direitos sociais, fazendo o que a máquina e os computadores ainda não conseguem. Esse trabalho penoso, em geral de curta duração, é acompanhado de um salário indigno. As consequências desta nova configuração do trabalho são os mal empregados, os desempregados, os migrantes em busca de melhores condições de sobrevivência.

A exploração irracional atinge não só operários, indígenas ou migrantes, mas também a nossa irmã natureza. A devastação de florestas e da biodiversidade “coloca em perigo a vida de milhões de pessoas”, em especial a vida dos “camponeses e indígenas, que são expulsos para as terras improdutivas e para as grandes cidades para viverem amontoados nos cinturões de miséria” (DAP 473). O que é DA?

É necessário discutir as bases do “atual modelo econômico, que privilegia o desmedido afã pela riqueza, acima da vida das pessoas e dos povos” (DAP 473). É preciso repensar também os valores e sentidos de nossa cultura atual, que tem por base o individualismo, a competição, o consumo como forma de satisfação imediata dos anseios, sem considerar as consequências de longo prazo. Tais pressupostos culturais geram um quadro de permanente violência e de desrespeito a outras formas de viver distintas.

A palavra que mais se escuta e se lê atualmente nos jornais e revistas é desenvolvimento. E o desenvolvimento nacional, regional, local, é apresentado como algo que está acima de tudo, dissociado da vida das pessoas, desconectado da natureza, dos rios, dos lagos, dos mares. Em outras palavras, o desenvolvimento parece ser um projeto soberano, a ser levado adiante a qualquer custo. A outra expressão recorrente hoje é “máxima produção”, um modelo produtivo que implica explorar até o último limite os rios, o solo, as florestas.

Os avanços da tecnologia têm servido, em grande parte, para garantir e acelerar a produção. Mas algumas consequências desse tipo de exploração desenfreada da natureza podem ser sentidas imediatamente - quanto mais produção, mais lixo se acumula sobre a terra, mais poluição é despejada nas águas e lançada no ar. Quanto mais “aquecida” a economia, mais se consome, e mais se descarta, e o aumento da produção não tem gerado aumento de qualidade de vida e nem maiores oportunidades de trabalho para a população que mais precisa. Assim, este pensamento desenvolvimentista tem duas grandes falhas: pensar que os recursos da terra são inesgotáveis e permitir que uma pequena porção da humanidade acumule as riquezas produzidas com o trabalho, o sofrimento e a morte de milhões de outros seres humanos.

Para se alcançar a sustentabilidade é preciso diminuir o consumo, sobretudo do que é excessivo e supérfluo, e também reduzir as desigualdades sociais. “As sociedades, especialmente a dos países ricos, consomem na atualidade muito mais do que o planeta pode oferecer a médio e longo prazo” (CF 2011/CNBB).

Acreditamos que “um outro mundo” é possível, no qual se possa conquistar a democracia com igualdade social; o bem-estar material com ampla participação, com a definição de projetos de futuro de longo prazo, e a prosperidade econômica que não seja pautada na acumulação e na lucratividade sem limites. Para isso, será necessário restabelecer os princípios geradores da vida em plenitude, tais como o respeito ao ser humano e à natureza e o elo indissociável entre os seres humanos e a terra, tal como nos ensinam os povos indígenas.



## O sonho e a realidade do bem Viver

Como já foi mencionado, o “bem viver” é um sistema de vida que se contrapõe ao capitalismo, porque este último se constitui num modelo de morte e de exploração.

O “bem viver”, sistema vivenciado pelas culturas indígenas, é traduzido e reinterpretado para se tornar um projeto de vida concreto, capaz de revolucionar nossas maneiras de pensar, nossas formas de interagir com a natureza, e nossas relações humanas. O “bem viver” comporta uma mudança radical com o sistema vigente:

É uma mudança na forma de pensar, que pressupõe considerar o homem como parte na natureza, implicado com tudo o que acontece com a terra, com os animais, com o meio ambiente.

É uma mudança na forma de organizar a vida social, considerando que os interesses coletivos prevalecem sobre os interesses individuais. A base é a solidariedade, pois a vida é vivida em rede, e todos têm necessidade uns dos outros.

É uma mudança nas estruturas econômicas, reconhecendo que o desenvolvimento deve ser pensado para resguardar e potencializar a vida e, assim, não cabem os projetos de exploração abusiva dos recursos naturais e nem aqueles que se baseiam na exploração do ser humano.

É, por fim, uma mudança política, que visa à constituição de uma sociedade fundamentada na justiça, na partilha, no respeito às diferenças sem manutenção das desigualdades.

Dois depoimentos indígenas, para apresentar uma visão do “bem viver”

### Cacique Babau

*Povo Tupinambá de Olivença, Bahia*

Todas as ações do povo Tupinambá são feitas sempre visando a conquista de nossa terra. Na organização do nosso povo o que desejamos é uma terra sem males, sem dor, sem sofrimento, com muita harmonia, levando em conta a questão do bem viver. Buscamos harmonia com a floresta e com todos os animais que nela existem.

O bem viver também depende da espiritualidade que cultivamos. E nós, os Tupinambá, chamamos sempre por Tupã e sempre invocamos nossos encantados. Temos muita fé nos encantados. Quando temos isso, temos prosperidade em nossa casa. Na nossa crença, é preciso buscar sempre igualdade entre os jovens, homens e mulheres e os anciãos.

Na nossa comunidade não existe violência doméstica, crianças não são espancadas e ninguém falta ao respeito com os guerreiros e com os anciãos.

Na agricultura produzimos para todos, e as roças são feitas em conjunto, assim não tem gente passando fome. O povo criou uma associação para incrementar o que já vinha sendo feito na prática, e na associação acontece a partilha do que é produzido entre as comunidades e também a comercialização dos produtos que foram plantados para este fim. Como não poderíamos contar com os bancos ou com órgãos públicos, buscamos na própria comunidade as nossas saídas e decidimos, então, criar um fundo de reserva para nossa associação. De tudo que é produzido na comunidade, 70% é distribuído entre as comunidades e os outros 30% são destinados à associação para nossas viagens, para nossas reuniões e assembleias. Não temos aceitado recursos de fora devido às chantagens. Para bem viver é preciso garantir o respeito, e os órgãos públicos não nos respeitam.

O povo sorri o tempo todo. O povo come bem, brinca bem, festeja bem. Deixamos de viver em supermercados. Produzimos muita banana da terra, muita farinha, abacaxi e tudo em grande quantidade. Fazemos isso não para sermos milionários, mas para compartilhar entre o nosso povo. Nós respeitamos a natureza onde vivemos e por isso usamos somente o que é necessário, e fazemos a coleta seletiva de lixo na comunidade. Espantamos todos os caçadores e os animais estão felizes.

Entendemos que existem dois territórios: o território da morte que é aquele em que os índios não se organizam e cedem suas terras aos inimigos, arrendando, destruindo; e o território da vida, aquele em que somos seres que vivem com a terra, igual às plantas e os animais. Aquela na qual respeitamos os rios, as árvores, e tudo o que existe. E as pessoas que vivem com o pensamento no capitalismo não aceitam essa nossa maneira de pensar. Nos acusam de não saber usar os recursos da terra, nos maltratam e consideram nossa forma de viver ultrapassada. Estamos



sendo criminalizados porque lutamos para garantir a nossa terra, que é para nós geradora de vida.

Declaramos que não vamos sair de nossa terra sem males. Lá construímos o paraíso e não nos renderemos nunca. Os Tupinambá não abrem mão de sua maneira de viver, quando se tem o bem viver no coração, nada é capaz de nos causar tanto sofrimento, nada é capaz de nos destruir.

### Maurício da Silva Gonçalves

*Povo Guarani, Rio Grande do Sul*

Os nossos velhos, as nossas mulheres mais antigas sempre nos diziam que antes dos não índios chegarem tínhamos o bem viver completo: tínhamos mata, rios, peixes, caça, frutas nativas. Isso para nós é o Nhande Reko, é o jeito de viver Guarani.

Quando o branco descobriu o país, começou então a grande luta Guarani, com a perda da terra, a perda de nosso espaço. Hoje, olhando para o povo Guarani, vemos que a maioria das terras foram tomadas. E daquelas que ainda temos posse, a maioria não foi demarcada pelo governo e, por isso, verificamos que os Guarani vivem uma situação dramática.

Pela memória de nossos antigos, toda a costa do mar, do ES até o RS, é território Guarani, incluindo ainda Paraguai, Argentina, Bolívia. Antigamente caminhávamos pelo nosso território sem ter medo e sem ter limites. Essa memória é importante para a nossa luta. Algumas dessas terras devem ser demarcadas porque são importantes para os nossos velhos, para o nosso bem viver - e para isso precisamos de terra com pedaços de mata, com água, com espaço para vivermos a nossa cultura. A nossa grande luta é pelo reconhecimento de nosso território. Entendemos que o território Guarani precisa ser reconhecido pelo governo. Não todo o território, mas pelo menos os espaços sagrados, as terras consideradas sagradas pelos velhos, que foram transformadas em parques ou estão na mão de particulares, com plantações de soja, de eucaliptos. Em 20 anos o estado do RS poderá estar coberto de eucalipto.

A própria Funai reconhece que os Guarani não têm território. Hoje para demarcar uma área é preciso que haja ocupação tradicional e permanente, mas a forma tradicional de ocupar dos Guarani é a de caminhar, de visitar os parentes, não de ficar sempre num mesmo lugar. Temos também discutido que essa ocupação precisa ser reconhecida pelo

governo. Nossos velhos não entendem por que não se respeita a terra Guarani, e por que é tão difícil para o branco entender a forma como vivemos.

As poucas terras que estão demarcadas hoje são muito pequenas. Assim, não temos onde plantar, não temos como fazer uma casa de reza. A dificuldade é muito grande. Toda essa situação tem levado o povo Guarani a discutir seus direitos. Que o governo conhece, mas não põe em prática. Muitas de nossas famílias vivem em beira de estradas, debaixo de lonas, entre a rodovia e as fazendas. Na época do calor é muito quente, e no inverno é muito frio.

Essas mudanças trouxeram um forte impacto na agricultura do povo Guarani. Tínhamos milho que era próprio do Guarani, assim como a melancia, o feijão. Além de outros tipos de plantas que sempre foram cultivadas. Ao longo do tempo não temos espaço para plantar e armazenar essas sementes. Tudo isso vem trazendo um impacto na vida e no modo de sobrevivência dos Guarani. Cada família sempre teve a sua planta para o consumo de suas famílias e hoje não é mais possível por falta de espaço. Todo ano temos de buscar a semente Guarani em outras comunidades. Muitas vezes temos de buscar na Argentina. São impactos impostos pelos brancos e pelo desenvolvimento.

Depois de mais de 500 anos, em espaços pequenos, ainda conseguimos manter as nossas línguas, a nossa cultura. Poucos velhos e poucas idosas falam o português, mantendo a nossa língua. Hoje entendemos que para reconhecer o território Guarani, temos de fortalecer a articular com outros países, como Paraguai, Argentina, Bolívia, Uruguai. Com isso conseguimos realizar o três encontros internacionais de articulação do povo Guarani. Para fortalecer a luta buscamos então esse intercâmbio de experiências entre os Guarani desses países.

Essas articulações têm sido muito importantes para a busca de nossos direitos. A busca é difícil, mas o povo Guarani conta com os parceiros. O bem viver para os Guarani não é possível hoje devido a falta de espaço, a falta de terra. Sabemos como viver bem, temos o Nhande Reko, o jeito de ser Guarani. Para recuperar esse bem viver, precisamos também recuperar a nossa terra. E o bem viver dos Guarani é compartilhado com todas as pessoas que vivem ao seu redor. É por isso que os Guarani podem ajudar os brancos e, ao mesmo tempo, os brancos podem ajudar os Guarani a recuperar a sua terra.